

RECENSÃO DO LIVRO “CONTRA O LIBERALISMO: A SOCIEDADE NÃO É UM MERCADO”, DE ALAIN DE BENOIST

uma leitura comparativa a partir de
Patrick Deneens

<https://doi.org/10.26512/rfmc.v12i3.57392>

Jóni Coelho*

Universidade do Porto

<https://orcid.org/0000-0001-6012-3713>
joni22@live.com.pt

* Doutor em Filosofia pela Universidade do Porto.

RESUMO

A tradução mais recente do livro de Alain de Benoist em Portugal refere-se a uma crítica sistemática ao liberalismo e aos diversos liberais, entendidos como a ideologia e filosofia política dominante. Benoist, que parte da concepção da Nova Direita francesa, fundamenta no seu livro a sua crítica ao liberalismo. Nesta recensão será feita uma análise comparativa entre a obra de Benoist e a obra de Patrick Deneen “Porque está a falhar o liberalismo?”, ou seja, a comparação entre duas direitas, com influências, pensamento e filosofia distintas. As direitas não liberais têm fundamentos diversos críticos do liberalismo, que é importante serem conhecidos pelos leitores, até porque eleitoralmente há direitas em crescimento, quer seja nos EUA, em diversos países europeus e na América Latina, sendo importante que na academia se perceba as razões desse crescimento – de modo crítico, e que o trabalho dos filósofos é analisar as consequências desse crescimento, podendo também alguns especializarem-se no estudo das direitas, como os dois autores abordados neste trabalho.

Palavras-chave: Liberalismo. Alain de Benoist. Patrick Deneen. Conservadorismo. Nova direita.

Saiu em Portugal no ano de 2024, pela editora Contra-Corrente, o livro de Alain de Benoist “Contra o liberalismo: a sociedade não é um mercado”, com tradução de Rui Amiguinho, que originalmente foi publicado em 2019. É um livro com 248 páginas, composto por vários capítulos como a introdução (pp. 3-43); o que é o liberalismo? (pp. 43-51); comunitários versus liberais (pp. 53-86), liberalismo e identidade (pp. 87-99); a figura do burguês (pp. 101-131); crítica a Hayek (pp. 133-178); democracia representativa e democracia participativa (pp. 179-185); liberalismo e democracia (pp. 187-200); a terceira fase do capitalismo (pp. 201-223); conservar o quê? os equívocos do conservadorismo (pp. 225-235); todos precários! O trabalho na hora dos “homens que sobram” (pp. 237-248). Trata-se de um livro de filosofia política crítico do liberalismo, no entanto, o autor refere vários autores liberais, especialmente na sua componente económica, política e filosófica, dando destaque para um liberal em específico: Friedrich Hayek, dedicando-lhe um capítulo. Cada um dos capítulos deste livro poderia ter sido previamente utilizados como artigos académicos, pois referem aspectos diferentes do liberalismo e se encontram filosoficamente fundamentados. A sua junção demonstra 1) o conhecimento que o autor tem sobre os vários temas abordados; 2) as diversas leituras, que resultam do conhecimento, em torno do liberalismo e 3) a análise crítica, mostrando os aspectos em que falha o liberalismo.

O argumento de Benoist é distinto do argumento de Patrick Deneen (2019), quer seja pelos fundamentos e filosofia política do último autor, que remete para o conservadorismo, e o autor recenseado remete para a Nova Direita francesa. Deneen foca-se em argumentos económicos, políticos, da educação, da ciência e tecnologia; no entanto, o liberalismo autodestrói-se, ou seja, pela sua capacidade de fé, pela crença e progressos contínuos e pela sua incapacidade de autocorreção, descurando as suas fraquezas (Deneen, 2019, p. 41).

O liberalismo refere-se ao que é certo e não a uma concepção de bem, por ser neutral em relação às escolhas, no entanto, os cursos de economia influenciam os estudantes a maximizarem a utilidade esperada e a

serem egoístas, adotando laços flexíveis (Deneen, 2019, p. 45). Deneen refere-se ao carácter voluntarista do liberalismo, mas poderia acrescentar que nesta ideologia política se descuram aspectos de uma vida saudável, a partir do momento em que os liberais defendem que não deve existir intervenção na vida privada, adotam uma postura que pode cair no relativismo ético e político. Quando Deneen refere os laços frouxos do liberalismo (Deneen, 2019, p. 46), tenho em conta que se descuram aspectos morais como a família, a tradição, ou a religião. Evidentemente há liberais que não descuram esses valores, mas não corresponde ao cerne desta filosofia. O argumento de Deneen pode ser entendido como uma crítica conservadora e em diversos aspectos comunitarista ao liberalismo. Os conservadores, mesmo que não sejam comunitaristas na acepção filosófica e política, por vezes, utilizam aspectos desta filosofia, para a fundamentarem. O conservadorismo evita os problemas do liberalismo, mas o reforço do comunitarismo refere que esta filosofia política ganha um laço social, que se pode afastar da tradição anglo-saxônica. “O liberalismo, pelo contrário, vê a liberdade como a condição em que podemos agir livremente dentro da esfera não limitada pela lei positiva” (Deneen, p. 48). A citação faz sentido, mas também denoto uma limitação do pensamento liberal, quando apenas se considera a lei positiva como nefasta ou negativa, a lei ou o direito positivo, em diversas circunstâncias pode-se afastar dos preceitos éticos, mas prefiro ter uma atitude mais prudente, de olhar para a lei em geral, mesmo que emane do Estado, não significa que em diversos aspectos não possa ser justa, neste caso, seria preferível olhar caso a caso. Mesmo que a lei positiva possa levantar problemas, a solução apresentada, que implica a defesa do utilitarismo ou do direito natural (jusracionalista e jusnaturalista) têm mais problemas do que a defesa da lei positiva. O utilitarismo é utilizado no liberalismo, sendo uma ética que implica ou pode implicar o relativismo, e o direito natural encontra-se fundamentado pela tradição religiosa, sendo difícil elaborar uma lei natural que seja jusnaturalista – é possível seguir os argumentos tomistas, entendo que se pode estabelecer uma lei natural jusracionalista, que evite o problema do racionalismo cartesiano; por exemplo, o jusnaturalismo moderno foi refutado por Leo Strauss na obra “Direito Natural e História”.

Deneen desenvolve no seu livro um conjunto de argumentos que se encontram na história da filosofia, destacando o liberalismo de John Locke e Thomas Hobbes, dos pais fundadores dos EUA, do liberalismo do século XIX e alguns aspectos do século XX, ou seja, desenvolve os seus argumentos focando na tradição anglo-saxônica para criticar o liberalismo. Corresponde a uma tônica fundamental que mostra as razões do falhanço do liberalismo, chegando a criticar o liberalismo clássico. A obra de Benoist será complementada com a obra de Deneen, mesmo que partam de concepções distintas, criticam aspectos diversos do liberalismo, correspondendo às tradições de algumas direitas não liberais.

O livro de Benoist oferece argumentos clássicos da direita, críticos do liberalismo, com alguns argumentos de esquerda (p. 47), ou seja, o autor parte de uma vasta gama de argumentos para criticar o liberalismo, mesmo que ideologicamente tenha um conjunto de preferências, leva a sério argumentos dos diversos quadrantes políticos e filosóficos. Tendo a vantagem, do meu ponto de vista, de abarcar assuntos, temas e autores de várias tradições, quer sejam da filosofia francesa contemporânea (entre autores e comentadores das direitas e das esquerdas), da filosofia de Carl Schmitt, dos comunitaristas, do ponto de vista crítico, refere-se aos vários liberalismos, como o clássico (Hayek), ou o liberalismo libertário de Robert Nozick, dando breves referências aos anarco-capitalistas como Murray Rothbard e David Friedman. Ou seja, não é um livro que abarque os clássicos do pensamento liberal, mas estudos que tiveram impacto nesta e sobre esta ideologia na segunda metade do século XX. Benoist é rigoroso na sua crítica ao liberalismo, no entanto, sabemos que há diferenças metodológicas em torno desta ideologia, mesmo dentro da Escola Austríaca de Economia e de outras tradições do pensamento econômico e do liberalismo em geral, há diferentes visões sobre o Estado, impostos, ou mesmo diferenças nos autores sobre temas fracturantes (por exemplo, no aborto e na eutanásia). Mesmo dentro da Escola Austríaca existem diferenças entre, por exemplo, Rothbard e Hayek – as suas filosofias políticas são distintas e com origens e fundamentos diversos, também é patente no âmbito da teoria econômica. Sendo possível fazer uma crítica sustentada a cada um dos liberais, Benoist escolhe um autor, um dos mais importantes do século XX: Hayek, para dedicar um capítulo. Um fato interessante nesse capítulo são as

constantes referências diretas a Hayek, não referindo muitos estudos em torno do economista e filósofo austro-britânico, tal é aconselhado para poder criticar os argumentos deste autor sistematicamente.

Benoist tem o mérito de estudar profundamente os argumentos liberais, mostrando a sua insuficiência, as contradições, as falácias e expondo esta ideologia dominante, fazendo uma análise crítica. Os fundamentos da Nova Direita insurgem-se contra o liberalismo, Benoist de modo rigoroso e magistral faz uma crítica fundamental ao liberalismo, destruindo os seus alicerces. No entanto, os vários liberais, seriam, no meu entender, convidados a ler esta obra, para mostrar quais os pontos em que o autor falha ou faz interpretações que podem não ser adequadas. Mesmo que se trate de uma obra fundamental de filosofia política, de um importante autor, leva o liberalismo suficientemente a sério para o criticar sistematicamente. Quando um autor vai, como Benoist, ao cerne de uma filosofia, nas diversas vertentes, a sua crítica é contundente e capaz de influenciar novas pessoas que se interessem pelo seu pensamento, pela Nova Direita, ou que tenham interesse em desenvolver e conhecer argumentos desta direita que critica o liberalismo. O liberalismo passa por uma crise, pois falhou, porque foi a ideologia dominante e não conseguiu o que pretendia, não dando os resultados esperados, por exemplo, não libertou as pessoas do Estado (esta entidade cresceu com o liberalismo), nem lhes concedeu maior liberdade, por essa razão, é que tem sido tão fortemente atacada ao longo dos séculos, por vários pontos de vista distintos, mas para os estudos de filosofia política sobre o liberalismo, haverá um antes e um depois, relativamente a esta obra. Do mesmo modo, que na filosofia política norte-americana teve imenso impacto a obra do liberal igualitário John Rawls “Uma teoria da justiça”, a filosofia política da Nova Direita ganha fôlego com a obra de Benoist, que recomendo, pois os seus argumentos permitam o debate de ideias sólido e profícuo. É uma obra aconselhada a todos os que têm interesse pelo liberalismo, quer sejam estudantes, investigadores ou professores, que lidem com as matérias políticas ou se interessem pela filosofia política, inclusive para os liberais.

REFERÊNCIAS

- BENOIST, A. de. *Contra o liberalismo*: a sociedade não é um mercado. Tradução e paginação de Rui Amiguiño. Lisboa: Editorial Contra-Corrente, 2024.
- DENEEN, P. J. *Porque está a falhar o liberalismo?* Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa: Gradiva, 2019.
- RAWLS, J. *Uma teoria da justiça*. 3. ed. Tradução de Carlos Pinto Correia. Lisboa: Editorial Presença, 2013.
- STRAUSS, L. *Direito natural e história*. Introdução e tradução de Miguel Morgado. Lisboa: Edições 70, 2009.

Recebido em 25 de fevereiro de 2025

Aprovado em 27 de março de 2025

Publicado em 31 de março de 2025

RFMC